

E-BOOK: POSSIBILIDADES ABERTAS COM O ADVENTO DA INTERNET

Márcio Justino dos Anjos Silva
Graduando/UEPB
marciojanjos@gmail.com

Orientadora: Manuela Aguiar Araújo de Medeiros
manuela.aguiar@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar que o surgimento do E-book, na pós-modernidade, abriu várias possibilidades, entre essas possibilidades estão o possível desaparecimento da cultura do livro e/ou a constituição da sonhada biblioteca universal. O propósito desse trabalho é mostrar que entre essas possibilidades, o E-book não levou ao desaparecimento da cultura do livro, mas acrescentou mais um suporte para a cultura escrita, tornando possível, um sonho “de constituição de uma biblioteca ‘universal’”. Nesse sentido, procurei entender como o discurso literário constituiu-se como sendo um discurso político devidamente institucionalizado no século XIX, ao mesmo tempo em que investiguei como esse discurso teve no livro sua materialidade e único suporte. Nesta perspectiva busquei caracterizar a pós-modernidade para poder compreender, também, como é a leitura nessa pós-modernidade, para enfim, mostrar que a partir do E-book pode-se pensar em uma possível constituição de uma biblioteca universal, algo que a cultura escrita, e, mais precisamente o livro em seu formato impresso não pode realizar. Para analisar os questionamentos acima citados, utilizei como estofo teórico-metodológico COMPAGNON (1999), MAINGUENEAU (2006), FOUCAULT (2002), esses ajudaram a compreender a constituição da literatura como um discurso político devidamente institucionalizado no século XIX; FOUCAULT (2001) e MAINGUENEAU (2006), para mostrar a institucionalização do livro impresso como único suporte para o discurso literário; REIS (2005), para poder compreender a pós-modernidade; CHARTIER (2002) e (2001), para demonstrar como se caracteriza a leitura na pós-modernidade. Mas será mesmo que o e-book não levará ao

desaparecimento da cultura do livro ou acrescentará um novo suporte para a linguagem escrita? E esse mesmo E-book pode realizar algo que parecia impensável com o livro impresso, isto é, o sonho de constituição de uma biblioteca universal, para podermos, enfim, ter acesso a todo o acervo bibliográfico produzido sem sequer sair de frente ao computador, com um simples acesso a internet.

Palavras-chave: E-book, biblioteca universal, internet, discurso literário.

O presente trabalho tem por finalidade mostrar que o surgimento do E-book, na pós-modernidade, abriu várias possibilidades, entre as quais estão o possível desaparecimento da cultura do livro e/ou a constituição da sonhada biblioteca universal.

Nesse sentido, antes de adentrar na discussão acima provocada, tentarei demonstrar como Roger Chartier (1999) expõe essa temática, Na aventura do livro: do leitor ao navegador, ele enfoca sobre a reorganização do mundo da escrita após o advento da Internet, esta que fez renascer o desejo da universalidade do livro, mas suscita também a possibilidade de desaparecimento da cultura do livro.

Logo, ao término da primeira parte, na qual foi apontado como Roger Chartier coloca esse tema em sua obra, a partir deste ponto será desenvolvido o tema proposto.

O discurso literário se instituiu no século XIX como um discurso político e segundo Maingueneau (2006, p. 59) a literatura “aspira a um estatuto de exceção” e de acordo com Foucault (2002, p. 5) é “a vontade de verdade enquanto prodigiosa maquinaria destinada a excluir”. Assim ela se sobrepõe e exclui os demais discursos, criando suas condições de legitimidade e, assim, definindo os seus signos e os jogos necessários a sua institucionalização.

Mas esse discurso literário também se instituiu segundo Compagnon (1999, p. 37) “depois da decadência da religião, e antes da apoteose da ciência, no interregno, à literatura seria atribuída, ainda que provisoriamente, e graças ao estudo literário, a tarefa de fornecer uma moral social”.

Esse discurso político utilizou (2001, p. 174) “O livro, em sua materialidade espacial, foi, até, o século XIX, o suporte acessório de uma palavra que cuidava da memória e do retorno.” Nesse sentido, ele seria nada menos que o lugar essencial da linguagem, o lugar de transgressão e/ou repetição da linguagem cotidiana. A linguagem impõe uma rede signos, esses que podem ser econômicos, de consumo e, outros, na qual a obra só pode ser obra se obedecer aos signos que a sociedade propõe.

Contudo a espacialidade da linguagem na obra seria a linguagem na folha em branco, assim entendido como o sendo o próprio espaço da linguagem e estaria obstinada a impossibilidade de tornar visível o invisível espaço da linguagem.

No entanto afirma Maingueneau (2006, p. 65) a obra literária, por sua vez, “constrói as condições de legitimidade ao propor um universo de sentido, e, de forma mais geral, ao oferecer categorias sensíveis para um mundo possível.” Essa obra é o símbolo de materialidade da linguagem, responsável pela propagação da linguagem, e esta por sua vez formando uma estruturação de elementos que compõe o todo textual. Dessa forma, a obra se alimenta de uma eterna multiplicidade de linguagens, sendo esta sua enunciação, assim revelando-se tanto interna quanto externamente como um discurso que se autoriza por si só como um eterno propagador da linguagem escrita, em sua indissociável relação do texto com a obra.

Antes de falar da leitura na pós-modernidade, na qual se inscreve o E-book será feito uma discussão entorno desse conceito. A pós-modernidade, essa que desconstrói a subjetividade moderna e a crença na razão, no progresso, no evolucionismo. Dessa forma segundo Reis (2005, p. 71) “As ciências humanas passam a duvidar do conhecimento histórico baseado em uma especulação filosófica sobre o futuro”. Nesse sentido consideram que o homem não é só sujeito, mas, também, é objeto.

Dessa forma a pós-modernidade se concretiza quando surge o pós-estruturalismo em contraposição ao estruturalismo, que ainda buscava a “verdade”. Os pós-estruturalistas não buscam encontrar uma verdade, haja vista, que a pós-modernidade segundo Reis (2005, p. 73) “desconstrói, deslegitima, deslembra, desmemoriza o discurso da ‘Razão que governa o mundo’”. A “verdade” nessa perspectiva é fragmentada e não existe nenhum princípio que rege a humanidade, sendo, essa, agora, fragmentada e marcada pela descontinuidade/particularidade.

Tendo conceituado o termo pós-modernidade, poderei inferir como se caracteriza a leitura dentro desse contexto.

Segundo Chartier (2001, p. 152) “Ao pensar o que acontece no mundo contemporâneo, faz muito claro que tudo o que pensamos como estável, invariável ou universal se fragmenta em uma descontinuidade ou em uma série de particularidades”. Tendo em vista essa perspectiva, a leitura e a escrita também tem que serem incluídas nesse processo de descontinuidades, pois o livro impresso, dentro do contexto eletrônico, sede espaço ao livro digital, onde inexiste a relação do leitor com um objeto

impresso em suas mãos, mas sim uma relação do leitor com uma imagem projetada em uma tela.

Dessa forma, o texto tem uma forma material que lhe dá forma de imagem, e a sua recepção não é a leitura de um livro, mas sim a leitura de uma imagem em uma tela, imagem essa que pode ser difundida sem intermediários, considerando as palavras de Chartier (2001, p. 146) “o momento da escrita poderia ser o próprio momento da leitura: sem mediações, sem intermediários”.

Chartier (2002, p. 27) propõe também que “a tela não é uma página, e, o espaço digital é o texto e não o seu suporte”, assim, a leitura do texto eletrônico é entendida como sendo uma imagem que brota do espaço digital que é o texto. Portanto, a tela do computador faz a função, que outrora era de vários objetos materiais, livros, documentos, cartas etc., função esta de transmissão da cultura escrita, sendo em um único suporte, o computador. Porém, aí reside o perigo, pois diante da profusão de informações e de textos, a leitura pode se transformar em uma leitura descontínua, tal como é a navegação através da rede eletrônica.

Ressaltando que o contexto eletrônico é caracterizado pela velocidade das mudanças, a publicação eletrônica que de início oferecia textos abertos, maleáveis e gratuitos, hoje, há a publicação dos e-books, que segundo Chartier (2002, p.23) “não permitem o transporte, a cópia ou a modificação dos textos”. Dessa forma, o e-book pode ser o responsável pela colocação dos livros digitais no mercado editorial dos textos publicados, sendo ele o opositor da comunicação eletrônica livre.

Dentro dessa nova forma de leitura, na pós-modernidade, em que a tela do computador abre um leque de vantagens infinitamente superiores as do livro impresso, surge uma grande inquietação sobre o possível fim da cultura do livro, essa inquietação é afastada por Chartier (2002, p.30) “Fala-se do desaparecimento do livro; creio que é impossível”, já que diferentemente das outras revoluções por qual passou a história do livro, isto é, a mudança do rolo da antiguidade para o códex e deste para o livro impresso, em que houve uma supressão do novo sobre o velho, o texto eletrônico não suprime o livro impresso, pois eles, hoje, coexistem como sendo os encarregados de difundir a cultura escrita. Portanto, as telas do computador não ignoram a cultura escrita, mas a transmitem, só que em um novo suporte.

Essa coexistência entre o livro impresso e o eletrônico é tão importante para a cultura escrita que o projeto de digitalização das bibliotecas segundo Chartier (2002, p.28) “nunca deve conduzir à rejeição ou à destruição dos objetos impressos no

passado”, já que somos herdeiros desse passado, e não podemos correr o risco de esquecer o mundo em que estes textos foram escritos, comunicados, lidos, perdendo, assim, a compreensão do livro em sua forma material.

A problemática em torno do livro eletrônico suscita, também, a possibilidade de constituição da biblioteca universal, que parecia irrealizável com o livro impresso. A biblioteca que surgiu da necessidade de conservar o patrimônio escrito, essa que se localiza em um só lugar. Já no contexto eletrônico segundo Chartier (2001, p. 147):

A possibilidade da biblioteca universal entendendo que por isto que, se cada um dos textos escritos ou impressos do patrimônio textual é transformado em um texto eletrônico, não há razão para não propor uma universal disponibilidade do patrimônio textual por meio da transmissão eletrônica.

Assim entendida a biblioteca universal, não é necessário a construção de edifícios para armazenar o patrimônio escrito, haja vista, esse pode estar acessível a cada um por meio da rede eletrônica, mudando assim, completamente a noção de lugar do texto, ou seja, cada leitor poderia ter acesso a este patrimônio independentemente do lugar onde esteja.

Portanto este trabalho teve como objetivos mostrar que a literatura se constituiu como sendo um discurso político devidamente institucionalizado no século XIX, atendendo aos interesses de determinada nação no sentido da formação da identidade da mesma, consagrando os cânones e marginalizando outras literaturas. Esse discurso teve no livro sua materialidade e único suporte, até o século XIX, esse que é o espaço próprio da linguagem, responsável pela disseminação da mesma, tendo como função tornar visível o invisível espaço da linguagem.

Assim estava configurada a literatura e o livro até o advento da pós-modernidade e da internet, em que a leitura e a escrita são caracterizadas por descontinuidades, onde não é necessário mais o leitor estar com o livro em suas mãos, pois o mesmo pode ser lido em uma tela diante do leitor. Onde leitor pode entrar em contato com o escrito sem intermediários, e essa leitura no mundo contemporâneo nos e-books a seu meio veicular de divulgação, esse que se opõe livre da comunicação da internet. O livro digital não levará ao desaparecimento da cultura do livro, pois ele não suprime a existência do impresso, haja vista, que ele é só mais um meio de transmissão da cultura escrita. É suscitada, também, a possibilidade de constituição de uma biblioteca universal com o advento livro eletrônico, coisa até pretendida, mas não realizada com o livro impresso,

essa que levaria aos leitores todo o patrimônio escrito, e este através da rede eletrônica, independentemente do lugar onde esteja, teria acesso a este patrimônio, com um simples acesso a internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999. p. 07-158.

CHARTIER, Roger. A Cultura Escrita na Perspectiva de Longa Duração. In:____ *Cultura Escrita, Literatura e História; Conversas com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 19-56.

CHARTIER, Roger. A Revolução do Texto Eletrônico. In:____ *Cultura Escrita, Literatura e História; Conversas com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 139-160.

CHARTIER, Roger. Línguas e Leituras no Mundo Digital. In:____ *Os Desafios da Escrita*. São Paulo: UNESP, 2002. p. 11-32.

COMPAGNON, Antoine. A Literatura. In:____ *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 29 - 46.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 2 ed. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR Ed., 2001. p. 137-174.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Ciberfil literatura digital, 2002. p. 1-23.

MAINGUENEAU, Dominique. Discursos Constituintes. In:____ *Discurso Literário*. São Paulo: CONTEXTO, 2006. p.57-71.

REIS, José Carlos. Modernidade iluminista versus pós-modernidade estruturalista e pós-estruturalista. In:____ *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 67-73.